

OS SEM - CASA

Sua Cidade e Sua Arte

*Elaine Pedreira Rabinovich **

A morte do espaço público, declarada por Sennet (1979), ocorreu concomitantemente às ruas serem transformadas em passagens. As ruas tornaram-se meios de deslocamento e perderam uma significação própria.

Assim, pode-se dizer que o público se tornou o fundo ou o palco para o "íntimo". Em uma sociedade "intimista", o indivíduo se torna marcado por uma psicologização do ser social e por uma ausência de uma vida significativa que decorra de um meio distinto da esfera do eu. Tal ausência leva-o a perder o poder do brincar, necessário para que se realize como pessoa: tal indivíduo, segundo esse autor, torna-se assim um "artista privado de arte".

Em tal espaço público, a casa pode ser dita representar o íntimo. Serfaty-Garson (2003) enfatiza: as práticas do morar são uma questão de cultura e, na sociedade ocidental, devido à obsessão pela segurança e à segregação das classes sociais, o *chez-soi* ou o sentimento de lar, – a casa – passaram a representar os territórios da intimidade.

Os sem-casa moram nas ruas, no público, sem casa ou em simulacros de casa. São chamados pela sociedade instalada em moradias convencionais de "bárbaros", em uma recuperação de sentidos antigos a ela atribuídos: bárbaro tanto significa, etimologicamente, o que fala mal, balbucia,

quanto nômades que abandonaram seu território de origem e movimentavam-se sobre qualquer território como se fosse deles, sempre prontos para abandoná-los (Eco, 1987).

Os sem-casa vagam pela cidade, ocupando suas "franjas", "fronteiras" ou "limites". Sua existência é definida por uma cidade que não ocupa sua "res" pública, tornando-a terra "de ninguém".

Em um curto período de tempo, surgiu uma nova categoria de cidadãos "nômades" moradores na/da rua. Este nomadismo pode ser visto como uma reprodução especular da própria sociedade no seu lado "invisível", aproximando-os, deste modo, de certas manifestações da arte contemporânea.

OS SEM-CASA DE SÃO PAULO

São quatro os modos de morar na rua em São Paulo: *selvagem*, *assentado*, *caverna* e *nômade*, posteriormente sendo acrescido mais um: *neo-nômade*.

Selvagem foi a auto-denominação de um morador de rua que disse morar em uma selva, onde todos são selvagens, cada um de uma tribo, todas inimigas entre si. Esse modo de morar na rua não constrói simulacros de casa: geralmente do sexo masculino, vive só ou em grupo, trabalhando em trabalhos eventuais.

Assentados são moradores de rua

semelhantes a favelados. Constroem casas sob os viadutos, de compensado e outros materiais sucateados. Colocam portas com trancas nas "moradias", podem ter vários cômodos, instalações rudimentares de água e sanitários. Neste tipo, foram encontradas famílias, mas também grupos de adultos co-habitando de modo organizado. Podem realizar trabalhos estáveis, como faxineiro e porteiro. A diferença entre favelados e assentados reside em que o assentado nunca poderá vir a ser um favelado, isto é, receber melhorias da Prefeitura. Têm conhecimento de sua situação "i/legal", o que torna instável a sua instalação no local. Há agrupamentos de assentados, localizados sob viadutos, computados no Censo como favelados. As casas de assentados podem estar muito bem decoradas, contando com rádios, Tvs, geladeiras, etc, além de quadros, vasos, cortinas. A decoração pode ser também externa, através de pinturas ou objetos destinados a este fim.

Moradores dentro das estruturas dos viadutos foram denominados de *caverna*. Tendiam a ser mais estáveis, como os assentados, a constituir famílias e a ter trabalhos mais estáveis. Havia cavernas sob o Minhocão, por exemplo, ocupadas por homens que trabalhavam, geralmente, com carrocinhas. Havia cavernas com uma condição de habitabilidade razoável quanto ao espaço, vista panorâmica, ausência de vizinhança, luz elétrica,

jardins à porta, divisórias para os cômodos. Apresentavam como condições negativas: a falta de luz natural e a presença de animais e insetos, combatidos através de inseticidas. Havia cavernas bem decoradas, limpas. Encontramos um morador que construiu um serviço rudimentar de água. Instalou uma caixa d'água com encanamento para uma pia na cozinha e para o chuveiro e privada no banheiro. Da pia e do banheiro saía um cano de esgoto desaguando na sargeta. A água seria trazida para a caixa d'água através de baldes e comprada de um posto de gasolina próximo. Este morador tinha esculpido um caminho no morrinho que conduzia à entrada da casa, ornado com plantas. No alto do caminho, estava um cachorro com sua casinha e um portão. Ele fizera um puxado onde estava instalada a cozinha que dava para um amplo quarto/sala, com iluminação natural, em perfeita ordem e asseio, decorado com cama, mesa, armário, etc. Em um quarto contíguo e interno, sem qualquer iluminação, estava preparado um cenário para uma festa de aniversário, consistindo de fileiras de bandeirinhas feitas de papel

jornal. Era um pedreiro que contou ter optado por viver deste modo.

Nômade foi a denominação dada a moradores que “encenam” a casa sob os viadutos, na ausência de paredes fixas. A casa era construída e mobiliada a partir de material sucateado coletado no lixo. Permaneciam pouco tempo no local, o tempo que a Prefeitura o permitisse. Podiam ser pessoas vivendo sós ou em grupos, geralmente homens, mas podendo haver casais. Iniciavam a “casa” pelo quarto, o local de dormir: colchonetes forrados com papelão ou jornal; acrescentavam a “cozinha”, um fogão feito de pedras de paralelepípedo e grelha, com móveis coletados do lixo que iam se agregando como mesas, armários, etc; em seguida, podiam criar “salas”, com sofás, cadeiras, almofadas e, finalmente, o “banheiro”, feito com paredes de papelão e latas, uma para a urina, outra para a água do banho e higiene. As fezes eram depositadas sobre papel de jornal e os dejetos eram lançados nos bueiros ou depositados no lixo. A água era cedida ou comprada de canteiros de obras, postos de gasolina ou outros locais. Lavavam roupa e as estendiam

em varal sob o viaduto. Eram catadores de material reciclável, mas podiam realizar outros trabalhos eventuais.

Homens jovens, fortes, vários com moradia fixa em pontos afastados do centro, passaram a circular pela cidade, coletando material reciclável e dormindo sob a carrocinha. A carrocinha passou a ser trabalho, moradia e transporte. Foram por nós denominados *neo-nômade*s, constituindo-se, atualmente, no maior número dos possíveis onze mil moradores de rua do último censo da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe, 2005). Tais trabalhadores estão atualmente organizados em associações.

Além deste grupo de trabalhadores, há pessoas que assumiram a carrocinha como meio total de vida. Um casal paranaense, por exemplo, com duas filhas loiras, instalou-se com sua carrocinha em uma rua de Higienópolis. Sua carrocinha tinha dois andares, como orgulhosamente descreveu seu morador/construtor. Seu modo de vida consistia em acumular roupa doada pela vizinhança do bairro e vendê-la em bairros da periferia. No momento da visita, já havia angariado duas caixas grandes de roupas. Seu grande sonho era a compra de um carro de modo a poder agilizar os negócios.

Este exemplo ilustra a mudança de mentalidade e a adesão à lógica neo-liberal, dentro de uma perspectiva nômade terceiro-mundista. Um outro declarou preferir o trabalho de coleta de material reciclável à lavoura dado a mecanização da mesma com suas consequências sobre a necessidade de mão-de-obra. Estava no local da entrevista devido à sombra de árvores frondosas e, em outro horário, estaria em outro local pela mesma razão; ou seja, ele habitava a cidade a partir das sombras das

Foto: Alderon P. da Costa / CDCM



árvores e dos pontos de coleta e venda de material.

RELIGANDO RESTOS ESPALHADOS PELO MUNDO

Os moradores dos carrinhos subvertem a lógica urbana, racional, ocidental. Ocupam o vazio pelo movimento. São nômades “con/sentido”, rompendo as regras pelas quais vivemos, os limites entre o certo e o errado, o cidadão e o incivil. Invertem a relação figura-fundo, e tornam-se figuras no fundo, recusando-se a viver uma limitação de excluído como sendo de despossuído.

Decoram as suas carrocinhas com dizeres, figuras, desenhos, chapas, objetos. Tornam-se *out-doors* ambulantes, em que o comunicado é o próprio ambulante. Ao comunicar, identifica-se e é identificado, e identifica-se com o ser identificado. Demarcam o seu território móvel com marcas identificatórias de sua própria identidade. “Tatuam” suas carrocinhas à semelhança de corpos tatuados ambulantes, de um si próprio espacializado no tempo/movimento=rua. Rompem os limites do barbarismo em que são colocados e falam sem balbuciar o que são, do centro da cidade onde estão. Deste ou neste centro, criam símbolos, dando uma nova interpretação a algo que não tinha mais valor, a algo do lixo: produzem símbolos ao desterritorializar objetos, apropriando-se de um espaço móvel, retornando, em certo sentido, à fluidez como a essência do mecanismo de sobrevivência (Rapoport, 1978; Maffesoli, 2001; Laplantine & Nouss, 1997).

Uma carrocinha pintada de branco continha as seguintes mensagens: várias referências a cidades de Minas Gerais, como Belo Horizonte, mas também a São Paulo, Los Angeles, Califórnia e Rio de Janeiro; símbolos

do time de futebol Corinthians predominando, mas também dos times São Paulo, Santos, Atlético e Fluminense; referências à música (Gun N’Rose, Claxon, Sepultura); à religião (Cristo vem e prepara-te); à vitalidade (B-12 energy, Alumun7um, Eu sou mais). Sua carroça encenava ter luz traseira e dianteira através de vários suportes de plástico de carro montados; na traseira da carroça, havia um grande farol em cima de um telefone vermelho sobre o puxador da carrocinha e duas buzinas. Repetiu em ambas laterais as frases: PELO TRABALHO SEMPRE e o O BICHCOMEU. Ao lado da inscrição Minas Gerais, havia figuras infantis denotando a origem natal e as fantasias infantis a ela associadas. Deste modo, ele comunicava ser um cidadão do mundo, pertencente a várias tribos, e parodiando-nos pela apropriação de signos que se tornam símbolos no sentido de subjazer

“à religião como algo que foi separado, que se ‘quebrou’ (...), de revocar, aludir a uma alteridade - irredutível e irrecusável - e prenunciar a reunificação com a parte quebrada, com os ‘restos’ espalhados pelo mundo...” (Canevacci, 1990, p.33).

Para Canevacci (1990), a cultura do consumo é a cultura da comunicação visual na qual a pressão social quer unir logo o símbolo à “coisa”, o sinal alusivo ao ato consumado, substituindo símbolos por imagens. Neste sentido, a cultura do consumo é uma cultura dessimbologizante, sem tolerância ao luto, à perda das coisas que não estão mais ali, ao mesmo tempo que narcisisticamente busca refletir imagens nas quais as pessoas querem se espelhar. Em contraposição aos símbolos, as imagens permitem contradições e ausência de moralidade, sendo atos de fé em uma espécie de eterno instante. A imagem anula o tempo.

A desistência de esperar o futuro pode ser vista na arte contemporânea em que uma busca de uma metáfora mais imediata, sem a contemplação lenta da poesia, reflete um espelho invertido do mundo, modificado com elementos tirados dele mesmo, numa subversão de objetos desterritorializados (Canevacci, 1990).

Como um espelho invertido, o sem-casa modifica o mundo com elementos tirados dele mesmo, numa subversão de objetos desterritorializados que se tornam territorializados, sofrendo uma transformação de significado e retomando a sua função simbólica. Sem a desilusão do artista, recupera o poder de brincar: no contrafluxo da sociedade intimista, ele se torna um cidadão vivendo sua arte.

*** Elaine Pedreira Rabinovich é Psicóloga pelo IPUSP e Profª. da Universidade Católica de Salvador.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANEVACCI, M.
(1990) *Antropologia da comunicação visual*. São Paulo: Ed. Brasiliense. p.33.
- ECO, U.
(1987) O irracionalismo ontem e hoje. *Folha de S. Paulo*, A-36, Ilustrada, 31 out.
- LAPLANTINE, F.; NOUSS, A.
(1997) *Le métissage*. Paris: Flammarion.
- MAFFESOLI, M.
(2001) *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record.
- RABINOVICH, E. P.
(1992) A casa dos sem-casa. *Psicologia, Ciência e Profissão*. Excluídos. 12(1-4): 16-25.
- RAPOPORT, A.
(1978) Nomadism as a man-environment system. *Environment and Behavior*, 10 (2): 215-245.
- SENNET, R.
(1979) *Les tyrannies de l'intimité*. Paris: Ed. du Seuil.
- SERFATY-GARZON, P.
(2003) *Chez soi*. Les territoires de l'intimité. Paris: Armand Colin.